Uma anedota

O caso tem o sabor agradável duma anedota, e deve ser contado assim com o jeito gracioso de quem narra uma coisa ligeira, com o seu quê de ironia suave. Não tem uma gravíssima importância, porque não há morte de homem, nem é por êle que o Japão se vê na contingência amarga de civilizar a bruta China, nem que é preciso à loira Albion gritar, possessa, diante do seu trono imperial, as palavras solenes dum majestático prestígio. Enfim, a coisa é simples, sem complicações internacionais à mistura, mas com a sua graça. Quem entra no Museu da nossa cidade, no adormecido Museu do nosso burgo, repara em coisas pitorescas, curiosas... Mas, passando sobre estas, vejamos o que segue. Depara-se aos olhos do visitante, a alturas tantas, um quadro que não dizemos de ciclópicas dimensões—seria exagero—mas, de facto, de grandes dimensões. Olha-se o quadro, volta-se a olhar, e a nossa convicção é sempre a mesma: é grande, realmente é grande. E quedamo-nos presos à ideia de que certos quadros, pelo tamanho que tenham, merecem a honra de adornar museus. Porque aquê

é grande—e ali está. Sim, o dito quadro nada mais tem que o faça notar senão a fealdade desconsoladora dum tinto sobre a tela. E' grande! E' grande! Mas um mistério há no caso, um mistério que o leitor descobrirá um dia, se ao Museu dedicar umas horas das suas folgas. E' que o quadro, de tamanhas dimensões, está ali para tapar uma porta, uma porta que era feia ao arranjo do Museu!...

Mal estar em França

Um dos países mais atormentados pelas agitações políticas é a França, e êste facto precisamente num momento em que a grandiosa nação atravessa um período de renovação económica e social, que a actividade legislativa aceita e sanciona. Esta última afirmação não é puramente gratuita, mas, pelo contrário, reflexo simples de opiniões expressas várias vezes na imprensa, quer em alguma da nossa quer na estrangeira. Contribui muito para aquêl facto a agitação que deliberadamente é feita com organizações terroristas e provocadoras que se apresentam precisamente ao público com o falaz aspecto de de-

fensoras de ideias de ordem e de harmonia social. E tal incremento toma a actividade empregada, numa vergonhosa obra de sapa, e tão persistente, continua e sistemática ela tem sido, que a França se vê muito perto de gravíssimas perturbações, que eclodirão de maneira desastrosa e fatal, se uma onda de bom senso e um desejo de domínio poderoso das adversidades não tomar o povo francês. Efectivamente, não é difícil entre os montões dos telegramas das agências contar as pavorosas alusões a guerra civil, e verificar as heroicas e gloriosas tentativas que certos sectores da opinião francesa têm feito para evitá-la. Pesará, sem dúvida, de maneira assustadora no equilíbrio da vida europeia qualquer desarranjo interno na vida da França, de maneira que o mal da nacionalidade de Hugo e Musset não poderá deixar de ferir-nos também—e por isso de directamente nos inquietar.

As gazetas e o crime

Os jornais têm, como as empenzas dos restaurantes, necessidade de pratos fortes. Os restaurantes cozinham alimentícios produtos, condimen-

tam e esperam o freguês voraz; os jornais, êsses, exploram as guerras, as revoluções, as perturbações mais ou menos inquietantes da politica, e, quando o caso se oferece, os crimes—que tanto mais convêm quanto mais rodeados de mistérios, de indecifráveis enigmas, de sangues, de pégadas do criminoso ou criminosos, de ciganos que numa noite enluarada, apaneceram na vila, tocando guitarra e... deixaram mortes pelo caminho. Vós o vedes todos os dias, o tétrico descritivo do ambiente dos crimes, os pormenores dos interrogatórios policiais, as dúvidas, as hesitações, as mágnicas que, como em rábulas teatrais, as gazetas vos descrevem. Vós seguis, na impaciência e na febre de quem se sente amador de detective, com queda adormecida para Sherlock, toda a pista, desde a hora fatídica do assassinio até à descoberta paciente do criminoso. Os jornais—as gazetas, vos fornecem o succulento prato, como prato forte, e vós podeis estar certo de que nada vos será furtado no conhecimento, que desejais, de toda a triste trama da conjura fatal. Ah, a exploração das vossas mórbidas inclinações, das vossas doentias curiosidades!

D A E D U C A Ç Ã O

A actividade infantil, considerada hoje pelos melhores pedagogistas como o verdadeiro centro de interesse à volta do qual deve girar a acção educativa, vem sendo, há algum tempo, canalizada prematuramente, dentro de certas nações, para uma finalidade pronunciadamente destrutiva.

São bem notórias as frequentes reportagens que nos chegam de certos países, pelas quais verificamos a aprendizagem bélica a que são submetidas até as crianças do ensino primário.

Isto provém, talvez, duma falsa concepção da natureza da criança.

Houve quem a interpretasse como sendo um homem em miniatura, interpretação actualmente rejeitada pelas teorias pedagógicas, que, como dissemos em outro artigo já, a concebem antes como um ser com características próprias e possibilidades bastante limitadas.

Baseados nesta importante conquista das ciências pedagógicas é que achamos um tanto violento o modo como se pretende formar a personalidade das crianças dos nossos dias, em certos países, en-

tre os quais deve salientar-se a Alemanha.

Não será, por ventura, excessivamente pesada e dura a processologia educativa que exige das crianças exercícios entre barreiras de arame farpado, como vimos reproduzido em gravura publicada, há tempos, num dos nossos diários?

Que a criança se deve desenvolver fisicamente, não o desconhecemos, nem o reprovamos. Mas que a sua educação física se faça em detrimento da sua formação intelectual e moral é que consideramos pouco construtivo, por nos parecer levar a uma finalidade regressiva, sem aquela harmonia e integridade que os paladinos da escola activa preconizam.

Não queremos—nem isso está nas nossas possibilidades—deixar de reconhecer aos povos organizados, de hoje, a necessidade de se prepararem para a defesa da sua soberania em caso de luta não provocada. Julgamos, porém, que essa instrução guerreira, por exigir certo grau de resistência integral, bastará efectivar-se quando o jovem puder já recebê-la com a lógica compreensão do seu fim; porque

supomos vêr nesse prematuro aprendizado um estímulo poderoso para o desenvolvimento exagerado e perigoso das tendências destruidoras inatas nos indivíduos e que a harmonia da vida de relação aconselha a reprimir em certa medida e em certas idades.

A criança, manejando armas, alicerçará, certamente, em si mesma, a vontade, o desejo de entrar um dia em acção com elas e, se não compreender que o verdadeiro e racional papel daqueles instrumentos é o da defesa de interesses justos, achará também simpático empregá-las sob qualquer pretexto, como meios de ataque.

E o são espirito pacifista, a mais bela concepção que os moralistas—entre os quais avulta a figura de Cristo—e sociólogos nos apresentam, afasta-se da verdadeira finalidade educativa e de toda a beleza criadora que a felicidade humana requiere.

Perde-se pelos tempos fora, no tumultuar das paixões, essa luz de supremo fulgor moral que o Nazareno prégou com o seu verbo simples, mas harmonioso, com os seus actos cheios de candura e bondade,

lindamente sintetizados nestas duas máximas cristãs:

«Amai-vos uns aos outros»; «não matarás!»

O fanatismo das armas estende-se, por vezes, às diversões infantis dentro do lar. Assim é que para atender e estimular êsse fanatismo, as fábricas de brinquedos capricham no fabrico de imitações de instrumentos de guerra. Nas montras dos bazares abundam espingardas, metralhadoras, «tanks», aviões de bombardeamento, etc., etc.

Porque não canalizar a tendência combativa das crianças para desportos e divertimentos mais humanos? Ficar-se-á eternamente a adorar os soldadinhos de chumbo? Há tantos e tão interessantes brinquedos para as crianças sem ser necessário recorrer a imitações de engenhos de morte!

Essas construções de pontes, de máquinas, automóveis, prédios, aviões, etc., apresentados em peças para serem armadas pelos jovens, utilizando ferramentas apropriadas, e guiados por uma planta elucidativa, não terão mais nobre finalidade?

MARIO FRAZÃO